

## O DILEMA CONSERVADOR: KISSINGER E A REVOLUÇÃO RUSSA

Lincoln Secco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Henry Kissinger foi um importante historiador da política de Metternich durante as Guerras Napoleônicas. Depois, dedicou-se ao estudo da diplomacia e à sua atividade como chefe do Departamento de Estado dos EUA e como conselheiro de muitos presidentes. Este artigo pretende mostrar a relação entre seu trabalho acadêmico e o período histórico em que foi escrito: a Guerra Fria.

**Palavras-chave:** Kissinger. Revolução Russa. União Soviética.

**ABSTRACT:** Henry Kissinger was an important historian of Metternich's politics during the Napoleonic Wars. Afterwards he dedicated himself to study of diplomacy and to his activity as head of the State Department of the USA and as counselor of many presidents. This article intends to show the relation between his academical work and the historical period it was written: the Cold War.

**Keywords:** Kissinger. Russian Revolution. Soviet Union.

Henry Kissinger foi um autêntico *scholar*. Seu primeiro livro foi uma tese típica de um historiador acadêmico rigoroso e extensamente baseada em fontes primárias. Todavia, ele foi ainda um homem de Estado, propagandista de um ideário conservador, um calculista e intrigante funcionário de Estado; ou seja, um carreirista antes de ser conselheiro de vários presidentes e autor de livros de divulgação sobre diplomacia.

Como compor essas dimensões num só indivíduo? Afinal, é impossível não ver nele também o Secretário de Estado de Richard Nixon responsável por guerras genocidas como a do Vietnã e o articulador de golpes militares fascistas em todo o Terceiro Mundo. Seria só um realista? Um êmulo de um Cardeal Richelieu?

Em sua formação acadêmica Kissinger foi marcado pela ideia de spengleriana da decadência do Ocidente, mas rejeitou o que nela havia de inevitável. Ainda assim, depois do fim da Guerra Fria perguntou-se, incerto e nas entrelinhas, se os Estados Unidos não teriam perdido a liderança dos

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História Econômica e do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da USP.

valores mundiais e se não deviam redefinir seus interesses nacionais. Ele rejeitou ainda a teoria dos jogos, o positivismo reinante em sua época e a escolha racional porque não levava em conta os valores morais. Negou o princípio da causalidade na história, as leis objetivas e o determinismo de qualquer espécie (Grandin, 2017:32).

Se o imperialismo era a uma fase final era porque impulsionaria para fora um país esvaziado de sentido interno. Apesar dessa observação crítica, ninguém se dispôs a travar mais guerras externas do que ele e arquitetar golpes de Estado ou invasões de outros países. Ele defendia a Democracia ocidental apoiando ditadores, o liberalismo defendendo um estreito interesse de seu Estado e todas essas contradições eram submetidas a uma lógica universal que se traduzia numa estratégia: proteger-se da “ameaça do comunismo” que teria surgido em 1917 com a Revolução Russa.

Todavia, ambiguidade se desfaz quando se percebe que na sua política há uma “filosofia” dotada de pretensões universalistas: uma crença arraigada na superioridade da Europa e dos valores herdados dos pais fundadores dos Estados Unidos. Como Maquiavel, ele também está mergulhado nas lutas de seu tempo e não cria tratados políticos desinteressados. Claro que sua obra não tem a importância dos escritos do secretário florentino, simplesmente porque visa antes conservar um quadro de relações de força internacional e não criar um novo arranjo internacional para viabilizar um Estado nacional. Kissinger escreve como um profeta armado.

## **História**

Na sua principal obra, *O Mundo Restaurado* (1957) é possível perceber que o seu maior problema jamais foi uma inocente investigação acadêmica sobre o mundo convulsionado pela Revolução Francesa ou a figura resignada de seu ídolo Metternich, o chanceler do império Austríaco. Todo o seu pensamento está voltado para a reconstrução histórica dos períodos de equilíbrio internacional a partir da conjuntura em que ele escreveu: a assim chamada Guerra Fria. Vemos em cada reflexão sobre a história uma projeção, mais ou menos explícita, de sua visão sobre a ordem mundial em que socialismo e capitalismo se confrontavam como modelos sociais existentes.

Ele inicia pelo mais clássico dos temas: a Europa. E por uma ideia inteiramente devida ao historiador francês François Guizot. O velho continente nunca teve um único governo ou uma identidade fixa e unitária. A China tinha unidade sob um imperador. O islã tinha um Califa e a Europa um Sacro Imperador Romano. Mas este não foi hereditário e era eleito por sete (depois nove) príncipes eleitores.

Carlos V, que esteve mais próximo de uma ideia de Monarquia Universal, na verdade se contentaria com uma Ordem em equilíbrio. Três eventos teriam impedido a ideia de unidade europeia:

os descobrimentos, a imprensa e o cisma na Igreja.

No primeiro caso, os europeus se envolveram numa empresa global. A imprensa compartilhou conhecimentos numa escala imprevista. A Reforma Protestante destruiu o conceito de uma Ordem Mundial sustentada pelas duas espadas: o papado e o império.

As dificuldades de Kissinger com o momento revolucionário da história nos lembra a crítica de Gramsci (1975:1225) à *História da Europa* de Benedetto Croce: iniciada em 1815, com a Restauração dos Bourbon, ela evita o principal: a Revolução Francesa.

Kissinger vê a Revolução como ameaça, desvio, destruição e, uma vez acontecida, dotada de consequências que só podem ser controladas. Assim, ela aparece apenas como a interrupção de uma história forjada em equilíbrios.

Entre o sistema da Paz de Westfália (1648) e o de Versalhes (1815) há uma Revolução, mas ela não inicia uma nova Era. Ao contrário, finaliza. É sempre um sistema de equilíbrio que sustenta anos de prosperidade e paz. Os períodos revolucionários são interregnos marcados pela “anormalidade” da guerra.

A Paz de Westfália foi resultado da Guerra dos Trinta Anos, iniciada com a defenestração de Praga em 1618, quando protestantes da Boêmia lançaram ministros reais pela janela e finda em 1648 com aquele tratado.

“*Se existe um Deus, o Cardeal Richelieu terá muitas contas a prestar. Se não... bem, sua vida foi bem sucedida*”. Esta era a frase atribuída ao Papa Urbano VIII, quando da morte do Cardeal Richelieu ( Kissinger, 1997: p. 61). Kissinger repetiu muitas vezes que “o homem é imortal, sua salvação é depois (*hereafter*). O Estado não, sua salvação é agora ou nunca” (Kissinger, 2014: p. 22). A frase também é do Cardeal Richelieu, o qual no período westfaliano instituiu a ideia de *Raison d'État*, depois de 1848 substituída pela palavra alemã *Realpolitik*.

Ele foi o “primeiro Ministro” da França entre 1624 e 1642. Longe de buscar alinhamentos em função da fé religiosa, ele avaliou friamente o balanço de poder europeu e calculou suas alianças em função da manutenção do poder francês durante a Guerra dos Trinta Anos. Isso explica a dança das coalizões entre países em diferentes conflitos.

Espanha, Suécia e Império Otomano estavam decaindo a potências de segunda ordem. A Polônia se extinguindo. Rússia (ausente do Tratado de Westfália) e Prússia (que desempenhou papel insignificante, segundo Kissinger) emergiram como potências militares (Kissinger, 1997: 74)<sup>2</sup>.

---

2 Na Guerra dos sete anos Frederico (O Grande) atacou preventivamente a Saxônia. Conquistou vitórias contra os russos na defesa de Berlim. Adveio o Milagre da Casa de Brandemburg: morrera a czarina Isabel e ascendeu ao trono o Czar Pedro III, admirador de Frederico.

França e Áustria estiveram em lados opostos na Guerra de Sucessão Espanhola (1702-1714)<sup>3</sup>, mas na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) Áustria, França, Rússia, Saxônia e Suécia se uniram contra Inglaterra, Hanôver e Prússia. Anteriormente, na Guerra da Sucessão da Áustria (1740-1748) Prússia, França, Espanha, Bavária e Saxônia (esta até 1743) lutaram contra Inglaterra e Áustria<sup>4</sup>. A mudança de lado era conduzida por interesses circunstanciais e da “anarquia e pilhagem aparentes” surgiu o equilíbrio.

As guerras do século XVII eram menos devastadoras por duas razões: primeiro pela capacidade de mobilizar recursos sem a excitação de uma ideologia ou religião e sem “governos populares” capazes de provocar emoções coletivas; em segundo lugar, o orçamento era limitado pela impossibilidade aumentar muito os impostos. Poder-se-ia acrescentar o caráter rudimentar da tecnologia.

Em sua narrativa panorâmica daquele período Kissinger projeta o papel que os Estados Unidos desempenhariam na segunda metade do século XX na Inglaterra do século XIX. Ela seria o fiel da balança de poder europeu porque sua política externa não exibia ambições continentais na Europa, devido à sua posição insular. Seu interesse restringia-se a limitar o poder de qualquer país continental que aspirasse à condição de única potência. Justificada pelo universalismo dos princípios civilizatórios europeus, é claro (Wallerstein: 2007).

O interesse nacional inglês estava no equilíbrio e sua razão de Estado a conduzia a limitar os poderes continentais sem desejar qualquer conquista ou expansão territorial. Assim, ela colaborou para impedir a hegemonia de Luis XIV na Europa e, depois, a de Napoleão. A Inglaterra era um “poder moderador” (Kissinger, 1997:75).

Kissinger não é nada original. A comparação que liberais conservadores faziam entre a instabilidade política francesa e a estabilidade inglesa surgiu com a própria Revolução de 1789. Mais tarde Tocqueville, por exemplo, descreveu como a aristocracia inglesa soube misturar-se com seus inferiores e dissimular considerá-los como iguais; e soube mudar gradualmente pela prática o espírito de suas instituições, sem destruí-las.

Já Napoleão Bonaparte remodelou a Europa. Em 1806 acabou o Sacro Império e o seu último Imperador teve que elevar o arquiducado austríaco para a dignidade imperial a fim de governar os territórios restantes da Áustria com o mesmo título de Imperador.

O Mundo legado pela queda de Napoleão parecia uma volta ao passado. Na Conferência de Viena a Prússia exigia a anexação da Saxônia, o que repugnava à Inglaterra e à Áustria, de tal sorte

---

3 Carlos II, Habsburgo, morreu sem filhos. Subiu ao trono Filipe V, neto de Luís XIV, um Bourbon. O Imperador Leopoldo I da Áustria se opôs.

4 O Imperador Carlos VI havia morrido e deixado à filha Maria Tereza da Áustria o Sacro Império.

que o diplomata da era napoleônica, Talleyrand, passou a ter voz influente no Congresso e a França foi readmitida no concerto das nações. Por outro lado, a Rússia exigia uma expansão que já tinha ido do Dnieper para além do Vistula e colocava não só a Polônia em risco mas a própria Europa Ocidental.

Metternich conduziu uma política conservadora que visou garantir um acordo de potências e retardar a decadência do império austríaco, ameaçado a leste pelos russos e na Europa central pela Prússia e pelos nacionalismos que emergiram depois das ocupações napoleônicas. A Prússia obteve parte da Saxônia mas colocou em seu horizonte a unidade alemã que seria feita por ela bem mais tarde.

### **O Pensamento do Estadista Conservador**

Metternich, segundo Kissinger em seu livro *O Mundo Restaurado*, elaborou um pensamento racionalista tanto quanto os seus adversários revolucionários. Mas para ele, um mundo em Ordem e sem convulsões é que seria produto da razão e não os projetos utópicos de mudancismo social. Podemos encontrar ali a matriz do pensamento reacionário contemporâneo que conduz a duas linhagens: o liberalismo conservador do século XIX e a Revolução invertida ou de Direita que De Maistre inaugurou.

Na leitura de Kissinger, o mundo estava sujeito a duas influências para Metternich: a política e a social. A primeira podia ser manipulada, a segunda não permitia concessões. O conservadorismo é apresentado como reflexo de uma ordem natural em que o padrão de obrigações é espontâneo. É quando o partido revolucionário emerge que o conservador é visto como uma anomalia.

Mas não foi assim nos EUA no século XIX, v.gr. Ali o conservantismo estava tão bem assentado que se tornava o terreno comum das lutas políticas. Os partidos, progressistas ou conservadores, estavam presos naturalmente a limites impostos por um padrão aceito por ambas as partes. Voltaire esteve na moda porque seu pensamento não podia se combinar a nenhuma prática radical séria. Diferente foi o caso da França oitocentista em que mesmo os partidos conservadores agiam sobre uma base revolucionária devido à “existência de um cisma fundamental na sociedade” (Kissinger, s/d: 193).

De fato, os Estados Unidos exibiram desde o período colonial uma tolerância que estava fundamentada na impossibilidade de um fanatismo religioso se sobrepor aos outros. É assim que surgiu uma democracia tolerante a partir da auto contenção do fundamentalismo religioso, embora não se deva menosprezar a influência do radicalismo inglês que levou clérigos de Boston a pregar que Deus não queria reis que agissem de forma arbitrária e que a razão deveria comandar tanto o Estado quanto a religião (Crunden, 1994: 44). Até mesmo o direito a se erguer em armas contra o

mau governante fera invocado.

O que fazer num período revolucionário? Neste, vigora a falta de naturalidade e o conservador precisa organizar-se em partido político porque a ordem natural está ameaçada. Ele não se sente confortável no papel e frequentemente cede seu lugar a uma ala reacionária (contrarrevolucionária) capaz de confrontar a revolução. Uma justificativa do anticomunismo reinante nos Estados Unidos dos anos 1950?

O conservador não participa de batalhas imediatas já que defende uma dada sociedade e se reoporta à História e não às vontades circunstanciais. Burke combateu a Revolução Francesa em nome da História e dos costumes ingleses. Metternich em nome da razão e da estrutura estável do universo; do iluminismo contra o historicismo e o romantismo: “O conservantismo histórico abomina a Revolução por solapar a expressão individual da tradição da nação; o conservantismo racionalista a combate por impedir a implementação de preceitos sociais universais” (Kissinger, s/d: 194).

Locke pode ser o filósofo de uma sociedade reconciliada porque a Revolução inglesa não teria produzido uma cisão social. A Inglaterra podia regular-se pelo costume e ali as disputas eram periféricas e os compromissos politicamente aceitáveis, mas no continente Metternich preferia exercer a arte de tornar desnecessárias as concessões.

Todavia, o conservador não seria reacionário, como já vimos. Aceitaria reformas, desde que produzidas pela Ordem e não pelo arbítrio. A estrutura legal e conservadora teria o predicado da universalidade. O poder político, o da acidentalidade. Um é essencial, o outro contingente. Compreende-se que nos anos 1950 Kissinger acentuasse esta ideia de Metternich: a palavra “liberdade” não é um ponto de partida, mas uma meta. O ponto de partida é a ordem e só ela pode produzir a liberdade. Sem ordem, o clamor pela liberdade assume as cores de um partido e só pode conduzir à tirania (Kissinger, s/d: 195), um claro ataque preventivo ao comunismo.

Metternich não queria se revelar como propositor de um sistema a mais, de uma ideologia contra - revolucionária. Sua posição tinha que estar assentada em princípios eternos. E eis que atrás de Metternich está o historiador e, ao lado deste, o homem de Estado do século XX ocidental. Anti-dialético, Kissinger incorporou de Metternich a visão de um universo mecânico, cujas peças são equilibradas e balanceadas. O mecanismo precisa resistir ao desgaste do tempo, às tendências de destruição inerentes ao corpo social.

Metternich recusava a mania de legislar sobre direitos e deveres tão naturais quanto as leis da gravitação. O “natural”, é bom que se perceba, é para ele social. É produto de uma experiência histórica de séculos, portanto, universal. Ele aceita a mesma premissa de seus antípodas revolucionários: o iluminismo. E retira dela uma conclusão oposta, o que os incomodava. A razão

seria conforme a natureza humana, mas esta revelava que os direitos eram um predicado de um universo estável e não resultado de uma conquista revolucionária.

Daí sua fé inabalável que revoluções seriam perturbações passageiras na história, ainda que desastrosas. A ordem se reconstituiria e o equilíbrio se voltaria porque seria uma condição normal das coisas.

### **O desequilíbrio**

Metternich sabia que as descobertas da Imprensa, da pólvora e da América mudaram o equilíbrio social. A primeira fez circular as ideias; a segunda alterou a relação de forças entre a ofensiva e a defensiva; a terceira inundou a Europa de metais preciosos e criou novas fortunas. Poderíamos acrescentar a Revolução Industrial, posto que ela criou o antagonismo entre a classe média (Burguesia) e os proletários.

É no século XIX que passamos à consciência nacional. A Europa de 1815-1848 era um acordo de grandes potências sob o signo da Restauração: Inglaterra, França, Rússia, Prússia e Áustria. *Balance of power*.

O sistema de Metternich consistia em três elementos: equilíbrio de poder europeu; convivência entre Prússia e Áustria no mundo germânico; e um sistema de alianças baseado na unidade de valores conservadores (Kissinger, 1997:137). O que significava rejeitar o liberalismo e o nacionalismo.

A questão sempre foi para Kissinger a presença de um outro poder revolucionário no mundo: antes, a França; em sua época a União Soviética. Uma Ordem mundial que não estivesse baseada em estruturas internas ideologicamente compatíveis não podia ser estável. A França era este poder na sua visão de historiador. Embora sua obra fosse perfeitamente fundamentada em documentos primários e muito bem escrita, o seu Napoleão Bonaparte estava sempre à sombra de Josef Stalin ou de qualquer mandatário soviético.

### **Os Estados Unidos**

Ora, por um momento esquecemos que Kissinger observa o mundo a partir do interesse nacional de um poder que fora revolucionário. E aqui encontramos uma das falhas do seu pensamento liberal. Ele prega fins, mas não admite os meios.

Mais uma vez retomemos o exemplo de um pensador de maior envergadura: Tocqueville. Para ele todas as revoluções civis e políticas tiveram uma pátria e a ela se limitaram. A Revolução Francesa

não. Ela é única porque ela procedeu como se fosse religiosa, inspirou o proselitismo em outros países; considerou o cidadão de modo abstrato; quis substituir as regras tradicionais e os costumes por uma norma simples e geral baseada na razão e na lei natural. Ele arremata sua bela crítica dos desvios da Revolução com um ataque aos homens de letras (os intelectuais): desprovidos de uma prática administrativa elaboravam planos ideais de reorganização completa da sociedade. Nenhuma experiência temperava seus entusiasmos: “As paixões políticas foram, assim, disfarçadas em filosofia e a vida política foi violentamente confinada à literatura” (Tocqueville, 1979: 355).

Como Marx, ele foi marcado pela experiência democrática dos Estados Unidos durante a *Jacksonian democracy*<sup>5</sup>. Mas enquanto ele observava o perigo da demagogia e da tirania das massas, Marx mostrava o quanto a forma pura da democracia, desprovida das limitações censitárias, ainda assim era um reino celestial burguês acima da desigualdade terrena e da luta de classes.

De toda maneira ali está contido o mantra de todo o conservador: a Revolução é um mal porque deseja reordenar radicalmente a Ordem Social tendo por objetivo uma utopia universalista que só pode degenerar em tirania. Mas antes de 1789 os Estados Unidos já tinham feito a sua Revolução. É verdade que seu impacto jamais foi mundial como o da francesa. Mas a consolidação do país não o levou no século XX a impor os seus valores pela força em escala global?

Thomas Jefferson escreveu que as obrigações dos estadunidenses não se limitavam à sua própria sociedade: “*We are acting for all mankind*”<sup>6</sup>. A doutrina Monroe, a anexação de grande parte do México, as agressões à América Latina e o apoio a golpes militares em todo o lugar não derivaram apenas da consideração do interesse nacional dos Estados Unidos.

Theodore Roosevelt revitalizou a Doutrina Monroe defendendo o exercício de um “poder de polícia mundial”, expressão que ele revisitou em alguns dos seus discursos. Não seria surpresa reencontrar na Doutrina Bush de Guerra Preventiva a mesma perspectiva aplicada ao Oriente Médio. O que importa é que se encontram nos Estados Unidos a mesma confiança de que seus valores políticos não são apenas superiores. Eles podem ser impostos aos demais países pela força, se necessário.

Bem, foi Robespierre quem disse que os povos não gostam de missionários armados. Esta lição Kissinger jamais aprendeu.

## O Desafio Soviético

---

5 Andrew Jackson foi o sétimo presidente dos EUA (1829–1837).

6 Thomas Jefferson to Joseph Priestley, 19 June 1802, in: <https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/01-37-02-0515>. Acesso: 29/04/2017.



A Revolução Russa representou um desafio semelhante à Francesa do século XVIII. Embora o novo governo soviético fizesse assinasse a Paz de Brest Litovsky com a Alemanha e contra as opiniões iniciais de Bukharin e Trotsky, Kissinger escreveu que a Rússia Soviética apenas combinava sua cruzada revolucionária com a Realpolitik, mantendo-se longe de apoiar a Ordem existente. Curiosamente, ele considerava os EUA práticos e idealistas ao mesmo tempo e a liderança deste país como vital para que a nova ordem internacional da Guerra Fria se justificasse em termos morais e mesmo messiânicos. Os líderes estadunidenses teriam feito sacrifícios e esforços sem precedentes em nome de “valores fundamentais (...) no lugar de cálculos de segurança nacional” (Kissinger, 1997: 307 e 547).

A instrumentalização das situações históricas para corroborar uma tese previamente estabelecida é evidente. Para ele, o valor moral de qualquer ação estadunidense é um dado apriorístico inquestionável; por outro lado, qualquer prática revolucionária contra aquela opinião pré-estabelecida é de antemão moralmente condenável. Os “revolucionários” (no sentido negativo que ele atribui à palavra) são sempre os outros...

Isso não faz com que Kissinger deixe de reconhecer a racionalidade intrínseca ao adversário. Em sua obra *Diplomacia*, ele não repete o equívoco ideológico de igualar Hitler a Stalin, embora ambos fossem monstruosos para ele. As diferenças lhe permitem justificar a aliança antifascista dos anos da Segunda Guerra Mundial.

A política soviética antes da Guerra parecia mais pragmática do que ideológica para Kissinger. Stalin foi associado a Richelieu, quando este se aliou ao Sultão da Turquia três séculos antes. Afinal “se a ideologia determinasse, necessariamente, a política externa, Hitler e Stalin jamais teriam dado as mãos” (Kissinger, 1997: 390). E mais: “*Da história europeia sabemos que toda vez que tratados que visam uma nova disposição de forças foram assinados, estes tratados foram chamados de tratados de paz... apesar de serem assinados com o propósito de retratar os novos elementos da guerra que se aproximava*” (Kissinger, 1997: 393).

Kissinger viu uma coerência na política externa soviética que consistia em manejar alianças externas a fim de evitar ou adiar uma guerra e ao mesmo tempo colocar os países capitalistas uns contra os outros. Um eco de De Maistre? Este tinha mais respeito por Robespierre, o qual havia reconhecido a realidade brutal do poder, do que em seus adversários moderados. Stalin foi visto por Kissinger pelo “estudo metucioso das relações de poder”, como o “servo da verdade histórica”, “paciente, perspicaz, implacável” (Kissinger, 1997: 391).

Isso explicaria uma série de tratados diplomáticos desde 1922 com a Alemanha (Rapallo) e tentativas de aproximação com Estados Unidos, a Itália fascista, França, Tchecoslováquia, Pacto Ribbentrop – Molotov, Iugoslávia (1941) e, mesmo em 13 de abril de 1941 com o Japão. Este acordo

permitiu que seis meses depois Stalin deslocasse seu Exército do Oriente para resistir à ocupação alemã (Kissinger, 1997: 430).

Ao mesmo tempo em que via em Stalin um realista, ele acreditou sempre na supremacia moral do Ocidente. Os comunistas seriam incapazes de compreender a importância que a legalidade e a moralidade tinham para os aliados. Os soviéticos não se importariam com o tipo de regime existente no Ocidente e esperavam que os Estados Unidos e Inglaterra fizessem o mesmo em relação ao leste Europeu.

### **A Crise do Pensamento Contrarrevolucionário**

Num mundo em que o terreno social é movediço como estabilizar uma ordem conservadora? Os velhos padrões familiares, de hierarquia social nos ambientes públicos, nas corporações ou universidades foram minados pela Revolução Informática.

Há, porém, um tipo de revolução que ultrapassou o conservantismo tradicional. Ele não é a simples capacidade de operar uma “Revolução Passiva” (Gramsci), incorporando impulsos populares desprovidos de seu radicalismo inicial numa arquitetura conservadora, mas de empreender verdadeiras contrarreformas com uma forma revolucionária.

Suas origens estavam já em De Maistre e em seu questionamento da Revolução Francesa. O fascismo lhe deu corpo histórico.

De Maistre, embora mais profundo e penetrante que qualquer pensador da Direita do século XX ou XXI, permite um paralelo com Kissinger. O mesmo cinismo; a mesma aceitação das desigualdades sociais, dos sofrimentos humanos como parte do equilíbrio do universo; das injustiças como a enigmática realização de leis (divinas, no caso de De Maistre) e da política, da guerra e das ações humanas como produto de mil razões fortuitas que nenhum esquema pré-concebido poderia explicar racionalmente; a recusa da idealização do bom selvagem, da natureza e da quimera de um contrato social original; a exaltação do lado escuro e misterioso da existência; a afirmação historicista dos interesses nacionais e da realidade nua e crua do poder.

De Maistre falou a língua do passado, mas pressagiou o futuro (Berlin, 1991: 87). “Essa atitude não é reacionária, mas contrarrevolucionária; não é passiva, mas ativa; não é uma tentativa vã de reproduzir o passado, mas um esforço formidável e efetivo de aguilhoar o futuro a uma visão do passado que nunca é puramente fantasiosa, mas pelo contrário, firmemente baseada em uma interpretação sombria e realista de eventos contemporâneo” (Berlin, 1991: 115).

O próprio Isaiah Berlin, temeroso da influência que De Maistre exerceu sobre o fascismo, não

deixou de admirar um pensador que considerava que os acontecimentos devem ser estudados de maneira empírica, sem atender a processos gerais ou sistemas. O dilema liberal está na impossibilidade de ver em sua própria recusa da Revolução um deslizamento possível para a contrarrevolução.

Norberto Bobbio em seu *Destra e Sinistra* argumentou que comunismo e fascismo se aproximavam não segundo a díade “esquerda – direita”, mas “extremismo – moderação”. A ênfase passa da finalidade para os meios. Por isso encontramos autores como Nietzsche ou Sorel simultaneamente invocados pela extrema Esquerda e a extrema Direita.

Socialistas moderados e liberais ou conservadores igualmente moderados podiam se associar em governos de coalizão ou pelo menos na aceitação de uma ordem democrática comum em que se daria a disputa eleitoral permanente entre eles.

No entanto, há uma diferença crucial entre os extremos. Ambos (nos anos entre as duas guerras mundiais) advogaram métodos violentos para destruir a ordem social e engendrar uma nova. Entretanto, comunistas jamais puderam se aliar permanentemente a fascistas. E jamais o fascismo pode se insinuar nos regimes do socialismo real. Já a aliança entre comunistas, socialistas e conservadores democráticos foi possível na II Guerra Mundial.

Os fascistas e os nazistas não chegaram ao poder propriamente por um golpe de Estado. A Marcha sobre Roma foi uma passeata que levou o rei a convidar Mussolini ao governo. Sua revolução foi desde então feita pelo alto. Tanto na Alemanha quanto na Itália muitas instituições conservadoras foram mantidas, ainda que submetidas à autoridade e à ideologia do líder. Mas elas não foram modificadas internamente. O Exército, a Igreja e a Monarquia (no caso italiano) continuaram colaborando passiva ou ativamente com os fascistas.

Sendo assim, a revolução da extrema Direita não é uma excrescência na história do liberalismo, mas um dos resultados possíveis da ordem social que ele defende. As técnicas de extermínio foram todas usadas por democracias liberais contra os povos colonizados antes de serem aplicadas no continente europeu. O que seria, portanto, a ordem social baseada na “modernidade” depois de duzentos anos de revolução?

No próprio momento em que Metternich refletia sobre o mundo convulsionado pela Revolução Francesa, o romance emergia como uma forma literária tão instável quanto aquele mundo. Sua leitura solitária em livros de pequeno formato, massificados por revoluções nas máquinas e nos materiais de impressão, fazia-se acompanhar por uma representação das personagens médias e de seu cotidiano.

Balzac e Stendhal apresentaram não mais heróis trágicos. Embora as personagens pudessem

ter um fim arrebatador, sua grandeza não era mais a de um grande herói da coletividade, mas a de pessoas isoladas num mundo em que ninguém mais podia se estabelecer permanentemente num emprego ou numa vocação. A Nobreza Restaurada depois de uma revolução que havia condenado um Rei era tão *fake* quanto aquela criada por Napoleão Bonaparte pois havia perdido sua função histórica.

Kissinger apresentou uma reflexão tocante sobre aquela era das grandes tiragens impressas. Para ele "a aquisição de conhecimento pelos livros fornece uma experiência diferente da internet. A leitura é relativamente demorada; para facilitar o processo, o estilo é importante". A leitura de livros recompensa o leitor com conceitos e a capacidade de reconhecer eventos comparáveis e projetar padrões para o futuro. O estilo leva o leitor a um relacionamento com o autor, ou com o assunto, fundindo substância e estética (Kissinger, 2014: 350).

O computador disponibiliza uma variedade muito maior de dados e o estilo não é mais necessário para torná-lo acessível, nem a memorização. Embora a crítica da perda da capacidade mnemônica seja tão antiga quanto a invenção da escrita, para ele há problemas novos que dizem respeito ao impacto da Revolução Informática na manutenção da Ordem Social.

Para o governante há o risco de “considerar momentos de decisão como uma série de eventos isolados e não como parte de um *continuum* histórico”. A conectividade de todos os aspectos da existência destrói a privacidade, inibe o desenvolvimento de personalidades com força para tomar decisões sozinho e muda a própria condição humana (Kissinger, 2014: 353).

Para o Metternich de Henry Kissinger o problema fundamental do Império austríaco é que ele não foi mais governado e sim administrado. Em vez de ideias, banalidades. Ora, quem governa as instituições europeias? Líderes eleitos ou tecnocratas? A economia foi naturalizada e o poder se tornou a “governança” corporativa de uma empresa. A reengenharia de gestores não deixa espaço para estadistas. A objetividade e a rotina são o oposto das grandes concepções, diria Kissinger. Talvez ele pudesse recordar as palavras de Metternich: “Minha vida caiu num período terrível. Nasci muito cedo ou muito tarde. (...) Antes, eu teria gozado a vida, mais tarde, poderia ajudar na reconstrução. Agora, gasto o meu tempo escorando edifícios deteriorados” (Kissinger, s/d: 205).

Triste sina. Para a desilusão de conservadores da época de Kissinger, a nova ordem restaurada depois do fim da União Soviética não pode manter nenhum regime político estável ou legítimo e nem mesmo uma sociedade. Estamos, assim, sujeitos a novas revoluções.

### **Referências e fontes:**

Berlin, I. *Limites da Utopia*. Trad. Valter Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Crunden, R. M. *Uma Breve História da Cultura Americana*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1994.

Gramsci, A. *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi, 1975.

Grandin, G. *A Sombra de Kissinger*. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.

Kissinger, H. *Diplomacia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

Kissinger, H. *World Order*. London: Penguin, 2014.

Tocqueville, A. *Os Pensadores: Tocqueville*. São Paulo, Abril Cultural, 1979.

Wallerstein, I. *O Universalismo Europeu*. São Paulo: Boitempo, 2007.

### **Documentos**

Thomas Jefferson to Joseph Priestley, 19 June 1802, in:  
<https://founders.archives.gov/documents/Jefferson/01-37-02-0515>. Acesso: 29/04/2017.

RECEBIDO EM 03-11-2016

APROVADO EM 05-05-2017